



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

### Alberto Caeiro

“(...) lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta, mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 –, acerquei-me duma cómoda alta e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, “O Guardador de Rebanhos”. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutro papel e escrevi, a fio também, os seis poemas que constituem a “Chuva Oblíqua”, de Fernando Pessoa (...)”

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – intuitiva e subconscientemente – uns discípulos. (...)"

F. Pessoa, *Carta sobre a génesis dos heterónimos*, a Adolfo Casais Monteiro

### Características da poesia de Caeiro

➤ Caeiro apresenta-se como um simples “guardador de rebanhos”, que só se importa em ver, de forma objectiva e natural, a realidade com a qual contacta a todo o momento. Daí o seu desejo de integração e comunhão com a Natureza.

➤ Considera que

- “**pensar é estar doente dos olhos**”
- ver é conhecer e compreender o mundo, por isso **pensa, vendo e ouvindo**.
- “**pensar é não compreender**”, o que significa que recusa o pensamento metafísico. [Ao anular o pensamento metafísico e ao voltar-se apenas para a visão total perante o mundo, elimina a *dor de pensar* que afecta Pessoa.]

Insiste na “**aprendizagem de desaprender**”, isto é na necessidade de aprender a não pensar, para se libertar de todos os modelos ideológicos, culturais e outros e poder ver a realidade concreta.

➤ É o poeta da Natureza, que está de acordo com ela e a vê na sua constante renovação.

E, porque só existe a realidade, o **tempo é ausência de tempo**, sem passado, nem presente, nem futuro, pois

todos os instantes são

a unidade do tempo

- Dá especial importância ao acto de ver, mas é sobretudo inteligência que discorre sobre as sensações, num discurso em verso livre, em estilo coloquial e espontâneo. Passeando e observando o mundo, personifica o sonho da reconciliação com o universo, com a harmonia pagã e primitiva da Natureza.
- É um **Sensacionista**, a quem só interessa o que **capta pelas sensações**: vive aderindo espontaneamente às coisas tal como são, e procura gozá-las com despreocupada e alegre sensualidade.

Ou seja:

para ele, o sentido das coisas reduz-se à percepção da cor, da forma e da existência: *“As coisas não têm significado: têm existência”*; *“cada coisa é o que é”*; *“o único sentido oculto das coisas / É elas não terem sentido oculto nenhum.”*

a intelectualidade do seu olhar liberta-se dos preconceitos e volta-se para a contemplação dos objectos originais.

- Constrói os seus poemas a partir da matéria não-poética, mas
- é o poeta
- 
- da Natureza e do olhar;
  - da simplicidade completa;
  - da clareza total e da objectividade das sensações;
  - da realidade imediata (*“Para além da realidade imediata não há nada”*)
  - do real objectivo, negando mesmo a utilidade do pensamento.

- Caeiro vê o mundo sem necessidade de explicações, sem princípio nem fim, e confessa que existir é um facto maravilhoso, por isso **crê na “eterna novidade do mundo”**.
- Poeta do real objectivo, Caeiro afirma: *“fui o único poeta da Natureza”*. Vive de acordo com ela, na sua simplicidade e paz. Ama a Natureza: *“Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é, / Mas porque a amo, e amo-a por isso”*.
- Para Caeiro, o mundo é sempre diferente, sempre múltiplo; por isso, aproveita cada momento da vida e cada sensação provocada, apreciando a beleza das coisas na sua originalidade e na sua simplicidade.
- A nível da linguagem e do estilo a poesia de Caeiro caracteriza-se por:

- ausência de preocupações estilísticas;
- versilibismo, indisciplina formal e ritmo lento mas espontâneo;
- proximidade da linguagem do falar quotidiano, coloquial, fluente, simples e natural;
- vocabulário simples e familiar, em frases predominantemente coordenadas; repetições de expressões longas; uso de paralelismos de construção, de simetrias, de comparações simples;
- número reduzido de vocábulos (dando uma impressão de pobreza lexical, de acordo com a sua sabedoria não livresca) e de classes de palavras: pouca adjetivação, predomínio de substantivos concretos, uso de verbos no presente do indicativo (acções ocasionais) ou no gerúndio (sugerindo simultaneidade e arrastamento).

➤ Ao nível das temáticas, é comum aparecerem retratados, nos seus poemas, temas como:

- **panteísmo** sensual [*Panteísmo*: doutrina segundo a qual Deus não é um ser pessoal distinto do mundo: Deus e o mundo seriam uma só substância];
- deambulismo;
- **misticismo naturalista** (“*amor pelas coisas em si mesmas*”)
- recusa do pensamento ou do *vício de pensar* (“*saber ver sem estar a pensar*”); combate à introspecção e à subjectividade;
- objectivismo absoluto (“*aceitação calma e gostosa do mundo como ele é*”);
- integração e comunhão com a Natureza;
- vivência do presente, gozando em cada impressão o seu conteúdo original (*epicurismo*);
- crença na eterna novidade das coisas e das ideias;
- a criança como símbolo supremo da vida;
- **Sensacionismo**: preferência pelas sensações visuais e auditivas;
- paganismo.